

LÍNGUAS INDÍGENAS DO OPARÁ: ENTRE SILÊNCIOS E GRITOS

Roberto Remígio Florêncio

Doutorando em Educação – UFBA; betoremigio@yahoo.com.br

Carlos Alberto Batista dos Santos

Doutor em Etnobiologia e Conservação – UFRPE; cacobatista@yahoo.com.br

Ana Cristina Barbosa de Oliveira

Mestranda em Ecologia Humana – UNEB; chrisbarbosa@gmail.com

Perseguição e proibição às línguas indígenas acarretaram sérios prejuízos socioculturais e identitários aos povos tradicionais do Brasil, principalmente porque a língua é o elemento mais claro de sua história: a perda desse elemento é constantemente usada como negação das identidades indígenas. Por isso, torna-se tão necessário identificar o uso das línguas autóctones nas comunidades do Opará, rio que potencializou o processo de expansão colonial. Para isso, é preciso identificar como as marcas culturais e linguísticas locais são trabalhadas por professores nas escolas no âmbito da Educação Escolar Indígena e da Educação Intercultural, que levam em consideração os direcionamentos da Lei 11.645/2008. A escola foi o principal instrumento devorador de culturas dos indígenas brasileiros: esmagou comunidades, ignorou conhecimentos, proibiu culturas, tradições, ritos e cerimônias. Aplicou com rigor o projeto do monolinguismo, o que ajudou a destruir mais de 1.000 línguas nativas. Defendemos aqui que a língua materna deve ser utilizada para alfabetizar e educar as crianças, sobretudo nos primeiros anos. Para os indígenas, a língua é um instrumento de produção e reprodução de conhecimentos próprios, valores étnicos e identitários que só devem ser repassados naquela língua particular e a legislação que orienta o ensino bilíngue nas aldeias pode ser um prenúncio do respeito às comunidades tradicionais na nova conjuntura sociocultural. Neste sentido, este estudo defende a identificação de territórios linguísticos dos povos indígenas às margens do Opará, em que línguas não utilizadas, estão “vivas”, resgatando uma ascendência sociocultural e possibilitam uma identificação étnica.

PALAVRAS-CHAVE:

Línguas Autóctones. Pensamento Decolonial. Educação Escolar Indígena. Interculturalidade.